



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA  
RITA

# A VERDADE ■ ■ ■ ■ ■ SABE-SE SEMPRE

Por IDALINA CARVALHO RODRIGUES

**H**AVERA algum leitorzinho do «Pim-Pam-Pum» que não goste de ir à escola? Eu creio que não, porque devem ser todos bons meninos, amigos de aprender. A Escola ensina tanta coisa bonita e útil!...

Mas a Suzette não pensava assim!

A-pesar-de ter já dez anos, mal conhecia, ainda, as letras; nunca houve menina tão preguiçosa para estudar, como ela.

Achava que a Escola era muito feia e muito aborrecidos os livros e os cadernos.

Se ela pudesse brincar sempre, que feliz se julgaria!

— «Pois para que servia estudar?! Os animais passam sem isso e vivem contentes!» Tal era o pensar da Suzette.

A tarde, assim que saía da Escola, onde se conservava sempre aborrecida, brincava alegremente sem se preocupar em estudar a lição ou fazer os exercícios que a professora lhe passava.

E não sentia vergonha de ter já 10 anos e nem sequer saber ler correctamente, o que seria tão natural na sua idade.

Os pais faziam todos os esforços para que ela compreendesse o valor do estudo e citavam-lhe, para exemplo, sua irmã Terezinha que, a-pesar-de ter apenas 8 anos, já lia muito bem e escrevia regularmente, pois esta, como boa menina, era amiga da Escola.

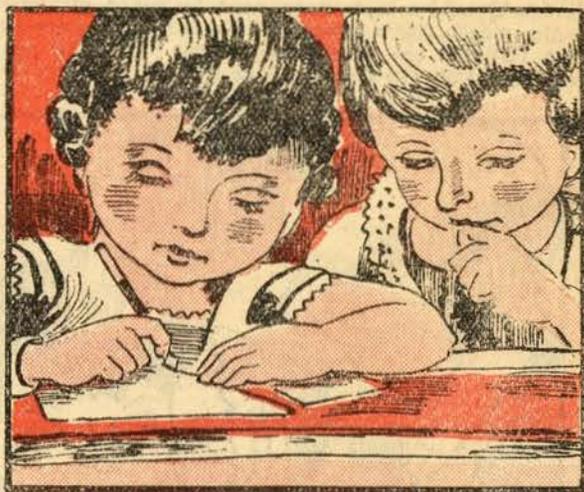
Mas coisa alguma convencia a Suzette.

O avô, que era seu amigo e sentia grande desgosto por a saber tão rebelde ao estudo, um dia disse-lhe: — «Suzette dar-me-ias grande satisfação se estudasses. Olha, prometo-te uma boneca, quasi do teu tamanho, das que dizem: — papá e mamã, — no dia em que receber uma cartinha escrita por ti, com boa caligrafia, sem erros e bem redigida.»

Não é bonito os meninos só estudarem na mira de qualquer prémio mas os pais e o avô da Suzette já tinham esgotado todos os meios que lhe fizessem compreender o valor da instrução.

Por esta razão, o avô tentou, assim, com a promessa daquele belo prémio, modificar a sua neta, pensando que, mais tarde, ela compreenderia que o melhor prémio pelo nosso esforço é a satisfação do dever cumprido.

A pequena ficou radiante com a promessa do avô. Prometeu estudar muito. Não mais descansaria enquanto não fosse



capaz de escrever a cartinha. Seria, enfim, tão estudiosa que todos se admirariam.

Com efeito, começou a estudar deveras. Já não chorava quando ia para a escola. E os pais estavam muito satisfeitos.

Mas... o entusiasmo durou apenas dias! Em breve se aborreceu dos livros e as lições eram completamente esquecidas.

O que ela não esquecia nunca era a boneca prometida!

Mas, para a ter, era preciso escrever a carta ao avô e ela não sabia, sequer, escrever o seu nome.

Não cessava de pensar como havia de obter a boneca sem ter a maçada de estudar como devia, até que um dia teve uma inspiração, nada louvável, por sinal.

Sabia que a Terezinha já escrevia muito bem. Chamando-a, pediu-lhe que escrevesse ela a carta ao avô, fingindo, é claro, que fora ela própria quem a escrevera.

A Terezinha hesitou. — «É feio enganar o avôzinho» (disse ela).

— «Ora, é só por esta vez! Faze-me a vontade; eu gos-

tava tanto de ter a boneca» (pediu a Suzette, beijando a irmã que se deixou convencer, por fim).

— «Eu dito a carta, e fazes uma letra muito bem feitinha, e sem erros, como o avô quiere!» recomendou a ladina pequena.)

— «Começa então a escrever o que eu dito: *Meu querido avôzinho. Vai ficar satisfeito por receber esta cartinha da sua neta que se tem aplicado, deveras, ao estudo.*

*Sabe que desejo imenso a prometida boneca, que fale, e que será o prêmio da minha aplicação?*

*Pois eu espero que, tendo-a merecido, o avôzinho ma traga em breve.*

Muitos beijos da sua neta muito amiga...

«E agora (terminou a Suzette) pões o meu nome.

No sobrescrito porás o nome do avô e a morada, e eu vou pedir à Maria que lhe ponha um selo, e a deite no correio, mas sem dizer nada à mamã para lhe fazer surpresa.

A Terezinha escreveu a carta com muito cuidado e com uma letra muito bem feita. Depois de concluída, entregou-a à irmã, que partiu correndo para a cozinha.

No dia seguinte, o avô veio fazer-lhes uma visita. Trazia um embrulho que fez pular, de contente, o coração de Suzette.

Depois de ter conversado com a filha e o genro, pega no embrulho que trouxera e diz: — «Trago aqui o prêmio com o qual vou recompensar uma menina estudiosa. E, desembulhando uma linda boneca muito grande, entrega-a à Terezinha, acrescentando. — «Aqui tens a boneca que pedistes. Gostei muito da tua cartinha. Vejo que és cuidadosa no estudo.

As duas irmãs olharam o avô com um ar tão espantado que o fez rir. A Terezinha disse, então: — «Mas, avôzinho, a boneca não é para mim. A Suzette foi quem lhe escreveu.»

— «Mas a carta está assinada por ti, portanto foste tu que a escreveste. Ora vê!» E mostrou a carta à Terezinha que viu, efectivamente, haver-se equivocado. A pequenita estava habituada a assinar os seus trabalhos escolares e tanto cuidado tivera ao escrever a cartinha para que fôsse bem feitinha, que se esqueceu de que não devia pôr o seu nome, visto que a carta era de Suzette.



Ficou muito atrapalhada, sem saber o que dizer. Nos olhos da Suzette brilharam lágrimas de vergonha, ao ver-se descoberta.

Os pais assistiam, calados, a esta cena.

O avô disse, então, ás duas pequenas confusas: — «Como vêem, a verdade descobre-se sempre. Tu, Suzette, a-pesar-da tua grande vontade de possuir a boneca, não te resolveste a estudar e pediste à Terezinha que te escrevesse a carta para me convenceres da tua aplicação ao estudo e, assim, poderes receber o prêmio de que não és digna. Mas o diabo tem uma capa com que tapa e outra com que destapa e, num momento de distracção, a Terezinha assinou com o seu nome, em vez do teu, como querias.

É muito feio tentarem enganar o avô!»

— «Perdão, avôzinho» (exclamou Terezinha.)

— «Tu mereces mais desculpa, Terezinha, visto que foi por amizade a tua irmã que assim procedeste. Andaste também mal, em todo o caso, como és digna dum prêmio pelo teu aproveitamento escolar, é tua a boneca.

Agora tu, Suzette, sirva-te de lição a vergonha porque passaste diante dos teus pais, tentando iludir-nos.

Estuda que nos darás grande alegria, e tu compreenderás depois que desejamos, apenas, o teu bem.

Quando receber uma verdadeira carta tua, em condições, terás uma boneca igual à da Terezinha.»

A Suzette, muito envergonhada, pediu perdão ao avô e aos pais, e, depois de os ter beijado, disse: — «Prometo fazer-lhes a vontade. De hoje para o futuro, serei outra menina. Estudiosa, e cumpridora dos meus deveres. Verão que cumprirei a minha promessa.

E cumpriu.

Hoje a Suzette é a melhor aluna da sua classe. Possui uma linda boneca, presente do avô.

Já uma senhora, não se esquece de, todos os dias, dar lição à sua filhinha, dizendo-lhe constantemente: — «Estuda, minha filha, não queiras ser como a tua mamã que chegou aos 10 anos sem saber ler!»

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



.....

VÊR NA 4.ª PAGINA:—Versos de Francisco Ventura—Desenhos de Manuel Ferreira

# CONCURSO: Grandes de Portugal

# PORTUGAL

Por  
JOSINO AMADO

**N**A lição de moral, um dia, o professor  
E dez alunos seus, em alegria imersos,  
Com gestos naturais, com alma, com amor,  
Recitaram na escola estes singelos versos:

## METRÓPOLE

— Eu sou do grande Império Português  
A nobre origem, a divina acrópole,  
Povo que fez o que outro nenhum fez,  
A beira-mar nasci, sou a Metrópole!

Teresa, Henrique e a espada do seu Filho,  
Fizeram despontar a minha aurora,  
E em mil, cento e quarenta e três rebrilho,  
Livre, enfim, no tratado de Zamora!

O meu berço, pequeno, florescente,  
Com um lindo docel azul sem par,  
Da Europa fica no carmineo poente,  
Embala-o, deslumbrante, o imenso mar!

Foi o lar dos antigos lusitanos!  
Sangue que do meu sangue é melhor ouro!  
Dois Sanchos, três Afonsos, soberanos,  
Conquistaram meu solo ao torpe mouro!

Sancho I, mais o rei Poeta  
Enchem-no de forais e de castelos,  
E Pedro pôs do crime à onda abjecta  
Dique dos mais adamantinos, belos!

À minha independência o Condestável  
Deu, num crepúsculo, a confirmação,  
À luz de Aljubarrota onde, admirável,  
Um modesto pigneu vence um leão!

Em pé, num promontório, ao sul, em Sagres,  
Luso profeta, a meditar, profundo,  
Fez o maior de todos os milagres,  
«E mundos novos deu ao velho mundo!»

Ele vos concebeu, entes queridos,  
Seu espírito são vos deu a origem,  
E, porque os fados bons fôsem cumpridos,  
Nascestes, como Deus, duma alma virgem!

Amai a lusa Mãe, triunfal domínio,  
Com toda a fé dos vossos corações!  
Guardai o seu amor em forte escrínio,  
Que não possam violar vis ambições! —



## MADEIRA

— ¿ Quem vos não amará e, em terno cântico,  
Não saúdará a mãe com sentimento,  
Se Zarco e Tristão Vaz, rasgando o Atlântico,  
Acordar foram meu isolamento?!

Da minha terra, na fertilidade  
E na minha paisagem variegada,  
E do meu clima na benignidade  
Lateja o sacro amor à Pátria amada!

Nos meus carros de bois, na minha gente,  
Nos meus lindos bordados sem rival,  
No meu vinho, no meu céu resplendente,  
Palpita o sangue bom de Portugal! —

## METRÓPOLE

— Nas tuas falas, nos teus modos, vejo  
A vida desta vida a palpitir,  
E pelo espaço fora eu lanço um beijo  
Que vai cair na linda «Flôr do Mar!»

## AÇORES

— As ilhas, nove, que do mar no espelho,  
Lembram constelação do imenso céu,  
Filhas que são do audaz Gonçalo Velho,  
Amam também a quem vida lhes deu!

Na riqueza do meu fecundo solo,  
Na sua cubicada situação,  
No activo povo, que é o meu consólo,  
Esplende a alma heróica da Nação!

Santa Maria, S. Miguel, Terceira,  
Pico, Faial, S. Jorge e inda Graciosa,  
Flores e Corvo são do mar na esteira —  
Continuação da raça mais saudável! —

(Continua no próximo número)



# ROSALINDA

Por MANUEL FERREIRA

**Q**UE lindo era o reino da Maravilha, situado pertinho do céu, num recanto pitoresco da montanha!

Imaginem os meus meninos um reino, muito pequeno, onde o palácio real havia sido construído por mãos de fadas, ao nascer do sol...

Pelos bosques verdejantes, trinavam pássaros de plumagens raras, enquanto as ovelhinhas, muito brancas, baliavam nos relvados.

Nas cidades e nos campos, o povo vivia feliz. Animais ferozes nunca tinham transposto as fronteiras daquele ditoso reino. Não se conhecia ali a doença nem o infortúnio.

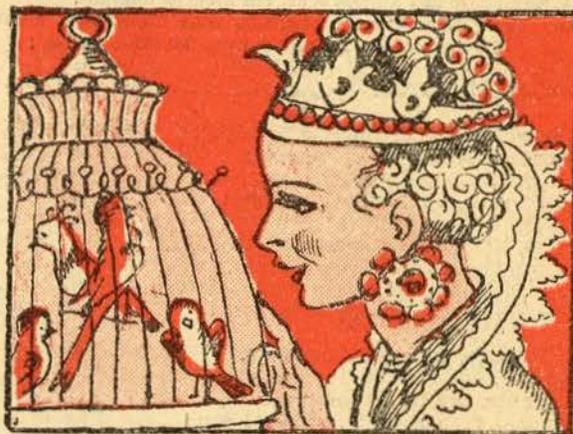
O palácio real era um encanto. Fôra feito de espuma do mar que, com o decorrer do tempo, se transformara em pedra. No interior, era de uma arte deslumbrante.

El-rei Lótus era muito amado pelo povo. Bom e simples, havia casado com uma pastorinha do vale, que o salvara, certo dia, de cair num abismo. Tinham uma filha única, a princesa Rosalinda, duma formosura nunca vista.

Cabelos cor de ouro, dispostos em largas tranças que lhe caíam com donaire sobre os ombros de neve; olhos azuis, cor do mar; boca que dir-se-ia um rubi; pele branca, do mais puro marfim, tal era a princesa Rosalinda.

Muito bondosa, Rosalinda fazia o bem a pobres e infelizes que vinham de reinos distantes. Apenas tinha um defeito que lhes vou contar, muito em segredo. — gostava de aprisionar os passarinhos.

Orá, conforme disse, naquele país havia muitas variedades



de aves canóras. Além de muito lindas, trinavam maravilhosamente. De dia ou de noite, quando o vulto gentil da princezinha assomava à varanda do palácio, ouvia-se, nos campos e jardins, uma música encantadora.

A princesa gostava muito de aves. E, insensatamente, começou a ordenar aos criados que lhas trouxessem.

Os lacaios não compreendiam o estranho desejo de Rosalinda. E ficaram estupefactos quando viram a princezinha obrigar as aves a entrar em prisões a que chamava gaiolas.

Os passarinhos deixavam-se apanhar facilmente. De maneira que, a todo o momento, entravam novos moradores para as tais prisões.

El-rei Lótus repreendia, muitas vezes, a princesa. Para que aprisionar as aves se elas, em liberdade, cantavam tão lindamente?

Rosalinda respondia que desejava ter as avezinhas perto dela, para lhes admirar o canto e a plumagem.

Aos poucos, os campos e os bosques entristeceram. As aves desapareciam todas, para aumentar o número das prisioneiras da linda princezinha.

Não se ouviam já as canções dos canários, pintassilgos e sabiás. O povo, sem aquela música quasi celestial, começou a entristecer também.

Lótus estava pensativo, no jardim do palácio, quando ouviu uma voz melodiosa chamá-lo.

Voitou-se e viu uma menina formosíssima. Tinha uma



# BOLAS DE SABÃO

Por LAURA CHAVES

**B**ÉBÊ, para se entreter e mudar de distração, resolveu e foi fazer umas bolas de sabão.



Uma boquilha, um copinho, água com sabão defeito, e ei-lo ali, de-vagarinho, a soprar com todo o jeito.

Faz-se a bola, cresce, aumenta, sobe ao ar como um balão, depois paira, mas rebenta feita em pingo de sabão

e vem, por ali abaixo, cair, que pingo maldito, mesmo coisa do diacho, nos olhos do pequenito,

que num choro se desola e grita: — «ó mãe, diz-me lá porque é que essa linda bola era linda e foi tão má?»



Perante um tal desconolo a mãe, cheia de ternura, pega no bebé ao colo e, com meiguice, murmura:

— «Não chores, que é isso, então! Se tu soubesses, filhinho, quantas bolas de sabão hás-de encontrar no caminho...»

F I M

estrela sôbre os cabelos platinados e envolvia-se numa túnica feita com pétalas de rosa.

Começou a falar:

— «Soube, bom rei, que tu e teu reino perderam a alegria. Não sabem qual a razão? Por fazerem desaparecer os passarinhos que cantam...»

El-rei ficou deslumbrado com esta aparição. Havia reunido todos os sábios do reino e ninguém lhe soubera dizer a causa de tão grande tristeza. Preguntou:

— «Quem é o culpado, dizei?...»

A fada sorriu-se:

— «Rosalinda! Mas vou castigá-la. Dar-lhe-ei uma voz tão linda como a da mais linda ave. Terá de sofrer mas juro-te, Lótus, que a alegria voltará ao teu reino.»

No dia seguinte, quando o Sol surgia no horizonte, Rosalinda acordou. E, contra o seu costume, desatou a cantar.

As aves emudeceram. E a princesa disse:

— «Ah, não cantam? Têm inveja da minha voz? Pois bem, mando-as sair da gaiola.»

E, chamando o cozinheiro do palácio, Rosalinda ordenou-lhe:

— «Faze-me esta passarada toda para o almoço.»

Mas, no mesmo momento, a princesa sentiu-se arrebatada, pelos ares. Quando atingiu o solo, estava a cantar, maravilhosamente, junto de um roseiral.

Perto, um gigante feroz disse-lhe:

— «Olha que linda cantiga! Vou levar-te para o meu castelo...»

E, deitando a mão a Rosalinda, levou-a para um calabouço da fortaleza.

A princesa começou a entristecer. Já não cantava. O gigante vinha exigir-lhe canções. Podia lá cantar, com aquela tristeza de não ver os pais e o seu reino...

Uma tarde, o gigante veio mal humorado. Dirigiu-se à prisioneira e disse-lhe:

— «Como não cantas, vou dar-te liberdade...»

Rosalinda ficou muito contente. Mas, pouco depois, ouviu o gigante dizer:

— «Sairás da prisão mas vais servir de petisco para o meu jantar.»



Que horror, meu Deus! O que Rosalinda sofria! E já ia, nas mãos do gigante, para a cozinha, quando surgiu uma fada que lhe disse:

— «Sou a Fada protectora das avezinhas. Apareci à teu pai a quem disse o que se iria passar. Terminou o teu castigo!»

Daí a pouco, Rosalinda aparecia no palácio real. E o seu primeiro acto foi dar a liberdade aos passarinhos.

No outro dia, já ecoava, por aqueles campos e bosques, o canto alegre das aves. El-rei recuperou a alegria, o mesmo acontecendo ao povo do seu reino.

Leitores pequeninos, não deixeis viver as aves em gaiolas. Dai-lhes a liberdade que é a sua alegria de viver. Os passarinhos são mais de Deus do que dos homens, porque tão depressa estão na terra como voam pelos céus...

# NOÇÕES DE



Meus amiguinhos:

Todos viram já voar um avião. Todos sabem que o avião vóa porque tem umas asas, um motor e uma hélice (*ventoinha*, como muitos costumam chamar-lhe), mas poucos ou nenhum sabe porque razão éle pode mover-se em todos os sentidos e direcções com auxílio d'esses órgãos. E, no entanto, podeis conhecer a razão, ou melhor, razões, porque são várias.

Pois muito bem. Vou fazer dos meus pequenos leitores uns verdadeiros enge-

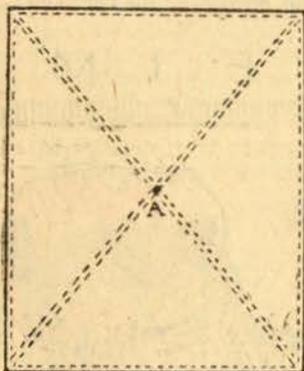


Fig. I

nhieiros, aptos a construir com consciência — e só assim serão verdadeiros engenheiros — aviões capazes de voar.

Mas até que estejam aptos a cons-

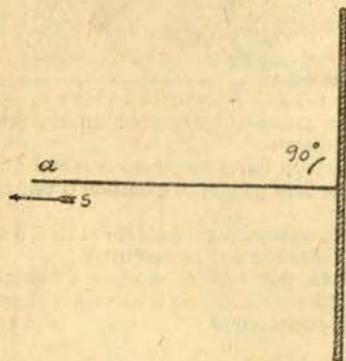


Fig. II

truí-los, terão que ter um bocadinho de paciência. Muitos dizem, certamente, que é uma maçada, que seria muito

# AERO NAUTICA

POR R. J.

melhor que eu dissesse só como construí-los e fazê-los voar. Mas assim, não teria graça nenhuma, nem aquela utilidade que eu desejo.

Para se fazer alguma coisa aproveitável, é necessário proceder com consciência e a consciência das coisas só se adquire com o estudo prévio dos assuntos indispensáveis.

Quando eu era da vossa idade, aborrecia-me muito ter de estudar coisas que eu julgava desnecessárias. Estudava-as, pois, sem vontade e, estudando-as sem vontade, não ficavam suficientemente sabidas. Só agora reconheço o erro que cometi, porque tenho muitas vezes necessidade de aplicar aquilo que eu julgava desnecessário.

Vós, que sois hoje pequenos, sereis amanhã os engenheiros, os médicos, os advogados, os literatos, os operários, enfim os homens que, nas suas missões, orientarão a vida do seu semelhante, contribuindo todos para o bem-estar de cada um. Todos vós, pois, deveis procurar utilidade nos actos da vossa vida.

No estudo, nos brinquedos, nos jogos, nas leituras, em tudo encontrareis ensinamentos.

Como a aviação é uma coisa de que quasi todos gostam, eu ensino-vos um pouco do que sei de aviões.

Desejaria têr-vos em torno de mim. Desejaria, em vez de escrever-vos, conversar convosco. Seria muito mais agradável. E depois eu, que sou apenas um miúdo muito mais velho que vós, gosto imenso de brincar; parece-me, por isto, que algumas vezes deixaria de ensinar-vos coisas de aviação para brincar convosco. Mas, como não é possível, paciência.

Antes de continuar, quero dizer-vos ainda o seguinte:

Deveis guardar semanalmente o *Pim Pam Pum!* para que, quando chegarmos à altura de construir aviões, nenhum elemento vos falte!

E quando algum de vós tiver qualquer dúvida, não tem mais que escrever-me para a Direcção deste vosso jornalzinho que, a todos, darei os necessários esclarecimentos.

I

Todos vós, ou quasi todos, deveis ter já construído um daqueles *papagaios* com que costumais brincar nas praias ou no campo. Pois um *papagaio* não é mais do que um avião cuja hélice sois vós, quando correis puxando por éle,

ou o vento quando sopra em sentido contrário àquêle para onde o tendes voltado, e cujas asas são apenas o plano de papel que constitue, afinal, o *corpo do papagaio*.

Pois é verdade.

Na figura I, tendes representado um plano rectangular de papel colado às ripinhas de madeira que eu representei por linhas tracejadas, às quais está amarrado, em A, o cordel por onde puxais.

Imaginal, agora, êsse plano de papel visto de perfil, como representa a fi-

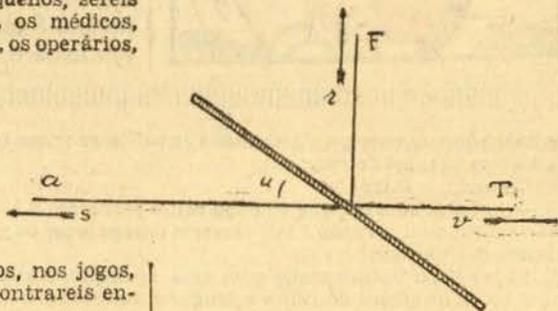


Fig. III

gura II, e que correis, puxando por éle com auxílio do cordel *a* no sentido que a seta *s* indica. Reparem que o plano é perpendicular ao cordel, quere dizer, que todas as rectas desenhadas no plano e que passam pelo ponto em que o cordel está amarrado, fazem com o cordel um ângulo de noventa gráus (ângulo recto).

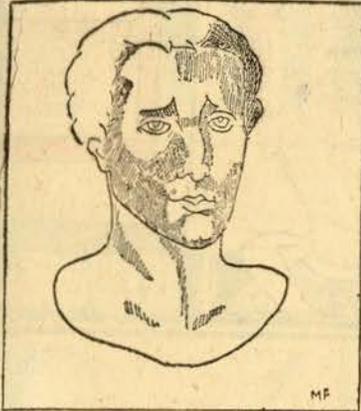
Se correis, como disse, puxando pelo plano com auxílio do cordel *a* no sentido da seta *s*, o ar obriga-vos a um certo esforço, opondo-se ao deslocamento do plano, esforço que vós venceis por serdes... mais fortes do que o ar. Esse esforço que tendes de vencer é o que se chama *resistência do ar ao avanço dos corpos*.

Esta resistência é aquela que sentis quando pondeis a mão fóra da janela de um combóio em andamento.

Vejam, agora, de que maneira êste plano pode elevar-se no ar.

Na figura III temos, novamente, o plano puxado pelo cordel *a* no sentido da seta *s* mas, desta vez, o plano faz com o cordel um ângulo *u* menor que noventa gráus, quere dizer, o plano está inclinado para a frente.

# CONCURSO: -Grandes de Portugal



3

Como furacão terrível,  
Que tudo leva na frente,  
Corre às portas de Lisboa  
A hoste da lusa gente.

Uma porta se entre-abre  
E, logo, este cavaleiro  
Corre a empurrá-la inda mais  
Querendo ser o primeiro.

E à negra morte indiferente,  
Ali se deixa esmagar,  
Para que os lusos pudessem  
Na cidade penetrar.

Já com a morte no rosto,  
Grita:— «Amigos, por aqui!»  
E em pouco tempo os infiéis  
São postos fóra dali.

E ao tombar no chão, sem vida,  
Tinha um sorriso feliz,  
Aquele herói, tão valente,  
Chamado

*Martim Afonso*



4

Batalhador incansável,  
Nunca a sua mão parou  
E terras quasi sem conto  
Ao trêdo mouro tomou.

Leiria, Sintra, Lisboa  
E muitas mais, com afã,  
Foram, em pouco, tiradas  
À forte gente de Islam.

Foi um dos reis mais famosos  
E talvez o mais valente,  
Pois fez crescer o seu reino,  
Tornando-o independente.

E para dar mais coragem  
A tão grande lutador,  
Em certa manhã dourada  
Surgiu-lhe Nosso Senhor,

Tornando-o, assim, o herói  
De mil Zamoras e Ouriques.  
Eternamente bendito  
Seja

*D. Afonso Henriques*



5

Se falava, a sua voz  
Tinha tal força e doçura,  
Que a todos arrebatava  
Fôsse fera ou criatura.

Parava a gente nas ruas,  
Parava a chuva no ar...  
E ao cima, vinham os peixes  
Sômente para o escutar.

Quando as suas mãos tão meigas  
Em qualquer coisa tocavam,  
A vida voltava aos mortos  
E os doentes se curavam.

Por longes terras estranhas,  
Numa vida sem igual,  
Tornou mais belo a Jesus  
E o nome de Portugal.

Entre fogueiras e amores,  
O seu nome inda hoje sôa,  
Pois Portugal não olvida

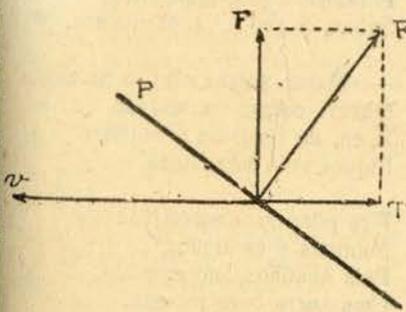


Fig IV

Muito bem. Três dos meus pequenos leitores vão fazer o seguinte... para os outros verem:

Um, o mais forte, puxa por  $\alpha$  no

sentido da seta  $s$ ; outro, puxa pelo cordel  $F$  no sentido da seta  $r$ ; e o outro, o mais fraco de todos, pelo cordel  $T$  no sentido da seta  $v$ . Os cordeis, estão amarrados no mesmo ponto: o cruzamento das ripinhas, às quais está colado o papel que forma o plano.

Pois muito bem. Quando um só puxa por  $\alpha$ , o ar faz no plano o efeito dos outros dois que puxavam por  $F$  e por  $T$ , e o plano desloca-se no sentido da seta  $s$  e eleva-se, ao mesmo tempo, no sentido da seta  $r$ .

Para os meus leitores mais crescidos, o que acabo de explicar representa-se esquematicamente como indica a figura IV. Temos o plano  $P$ . A seta  $v$  representa a velocidade do plano, a seta  $F$  representa a força elevadora do plano,  $T$  a força que se opõe à velocidade e que obriga a maior esforço para deslocar o plano e  $R$  a resistên-

cia do ar que se decompôs nas duas forças anteriores  $F$  e  $T$ .

Cá temos, então, o papagaio a que só falta o rabo que serve, apenas, para o equilibrar.

Portanto, quando um plano está inclinado sobre o cordel pelo qual se puxa, a resistência que o ar oferece ao deslocamento do plano, origina uma força que o faz elevar, como se alguém puxasse por ele em  $F$ , no sentido da seta  $r$  (figura III).

Como veremos, estudamos hoje as asas dos aviões e a sua maneira de actuar e, com raciocínios muito simples, passaremos a todos os outros órgãos do avião.

E, por hoje... até ao próximo número.

# A GULOSA

POR MARIA ALICE CORREIA

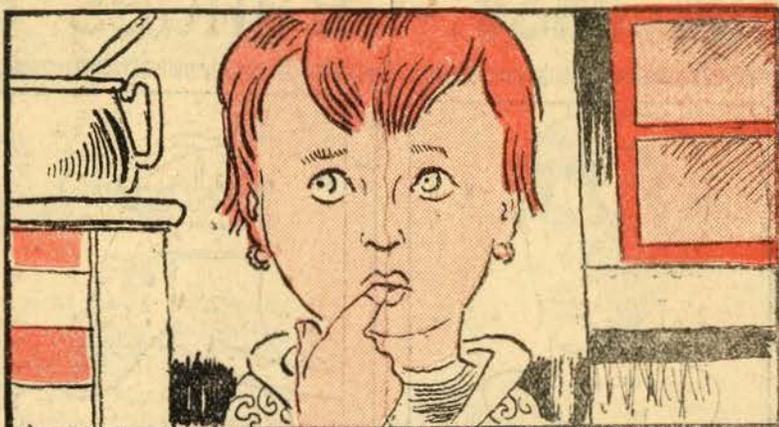
**E**RA uma boa menina  
A Manuela Barbosa  
Mas tinha um grande defeito:  
— O de ser muito gulosa.

Ora, em certa ocasião,  
Às ocultas, a estouvada  
Foi direitinha ao boião  
Para comer marmelada.

— «E' tão boa!» Ai que docinha!  
(Dizia a grande gulosa.)  
— Se me visse a mamãzinha!...!  
Oh! Que grande e forte tosa!»

Desta vez, a Manuela  
Comeu tanta quanta quiz,  
Vejam: até se enganou  
E meteu pelo nariz!

Quando olhou para o boião,  
Vendo findo o belo doce,  
Foi muito grande a aflição,  
Mas ia mais, se mais fôsse!



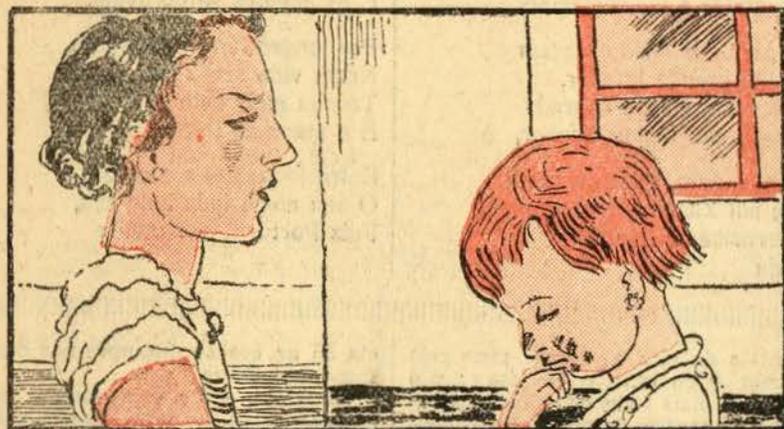
Estava assim a pensar,  
Deveras atrapalhada,  
Quando, à sala, viu chegar  
Sua mãe muito espantada.

Bem tentou ela escapar...  
Mas de nada lhe valeu,  
Pois a mamã perguntou:  
— «Pequena, que aconteceu?»

Vermelha como um pimento,  
Não confessou, a gulosa,  
E fez-se, nesse momento,  
Sabem o quê?... Mentirosa.

— «Mamã, (disse ela), o Sultão  
Queria comer marmelada,  
E eu, ao tirar-lhe o boião,  
Fiquei tôda bezuntada.

P'ra pôr fim à narrativa:  
Manuela é castigada;  
Pois apanhou, em seguida,  
Uma surra bem puxada.



flamulim!